

882

COVID-19 E PACIENTES COM DOENÇAS HEMATOLÓGICAS CRÔNICAS: IMPACTOS PSICOSSOCIAIS E RECURSOS DE ENFRENTAMENTO



E.A.O. Cardoso^a, J.H.C.D. Santos^a, P.P.B. Sola^b, A.D. Rossi^a, S.C. Pillon^c, B.C.A. Silva^a, J.T. Garcia^a, A.C.S. Pinto^b, L.C.O. Oliveira^b, M.A.D. Santos^a

^a Faculdade de Filosofia Ciências e Letras de Ribeirão Preto (USP), Ribeirão Preto, SP, Brasil

^b Fundação Hemocentro de Ribeirão Preto, Ribeirão Preto, SP, Brasil

^c Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto (USP), Ribeirão Preto, SP, Brasil

Objetivo: Analisar a percepção dos impactos emocionais e comportamentais da pandemia de COVID-19 em indivíduos com doenças hematológicas crônicas, atendidos em um Hemocentro do interior de São Paulo. **Método:** Trata-se de estudo transversal, descritivo-exploratório, com abordagem qualitativa. A amostra de conveniência foi composta por 27 indivíduos, 19 mulheres e oito homens, com média de idade de 36,7 anos (DP = 16,7). O diagnóstico mais frequente foi Anemia Falciforme (51,8%). Foi utilizado formulário *on-line*, cujos dados numéricos foram tabulados e analisados quantitativamente. **Resultados:** A definição mais utilizada para a COVID-19 foi: uma doença de rápida disseminação e que pode matar. Essa percepção vem acompanhada por sofrimento emocional: sintomas de ansiedade (n = 19), insônia (n = 15), piora na qualidade de vida (n = 15), pensamentos sobre a morte (n = 15), dificuldade de concentração (n = 14), tristeza (n = 14) e crises de choro (n = 11). Chama a atenção a ideia de suicídio relatada por quatro participantes e o aumento do uso de álcool (n=3); 18 participantes referiram sentir prejuízo em seu bem-estar depois de ouvirem o noticiário diário. A maior parte (n = 19) acredita que o distanciamento social é necessário, mas apenas 44% evitam sair de casa mais de uma vez por semana. Os cuidados mais comuns são: uso de máscara e higienização das mãos com álcool em gel. Ao voltarem para casa, a maioria toma banho, troca a roupa e lava a máscara (74%). A insegurança quanto a sair de casa se estende aos retornos médicos (70%). Apesar do medo, sentem necessidade das consultas presenciais, em especial porque têm dúvidas tais como: quão aumentado é seu risco e onde farão a testagem e receberão tratamento caso sejam infectados pelo novo coronavírus. O teleatendimento ainda é visto com reserva (63%), apesar de somente quatro terem recebido essa modalidade de intervenção. Quanto aos 15 que receberam atendimento presencial, 60% julgaram que os profissionais foram mais objetivos e menos atenciosos. Apesar dessas injunções, 72% se mostraram satisfeitos com a atuação do SUS durante a pandemia e 52% passaram a ter uma avaliação mais positiva do sistema de saúde público. A principal estratégia para lidar com os desafios atuais é a busca de apoio social, sendo que a maioria se mostrou satisfeita com o suporte recebido (77%); alguns relataram aumento dos conflitos familiares (n = 7), em especial por questões econômicas (nove relataram perda financeira);

52% mencionaram o aumento da fé e a convicção de que, com a pandemia, se tornaram pessoas melhores. Apesar da efetividade dessas estratégias, 56% afirmaram necessitar de atendimento psicológico durante a pandemia. **Discussão:** Os resultados evidenciam o impacto emocional do isolamento social nos pacientes com doenças hematológicas crônicas e a necessidade de adaptação do atendimento pela equipe de saúde. Notou-se que há insegurança quanto à modalidade presencial, mas também certa desconfiança acerca da eficácia do teleatendimento. Considerando-se a importância de prover atenção contínua a esses pacientes, sugerem-se ações de aproximação da equipe na modalidade *on-line*, que em um primeiro momento podem acontecer de maneira assíncrona, como envio de vídeos informativos. No serviço em questão foram produzidos vídeos de orientação com materiais lúdicos implementado grupo semanal para suporte psicológico remoto aos que manifestaram necessidade de apoio emocional. Tais intervenções têm-se mostrado efetivas no acolhimento dos pacientes.

<https://doi.org/10.1016/j.htct.2020.10.884>

883

COVID-19 E SÍNDROME INFLAMATÓRIA MULTISSISTÊMICA SEMELHANTE À DOENÇA DE KAWASAKI: REVISÃO SISTEMÁTICA



P.P.R. Macêdo^a, A.M. Araki^a, G.L.M. Martinez^a, G.M. Espíndola^a, C.H.D. Garrote^a, G.T. Fukuya^a, M.B. Porto^a, A.L.R. Prudente^b, V.S.B. Reis^a, A.M.T.C. Silva^a

^a Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Goiânia, GO, Brasil

^b Centro Universitário IMEPAC Araguari, Araguari, MG, Brasil

Objetivos: Avaliar a associação entre a infecção pelo SARS-CoV-2 e a síndrome inflamatória multissistêmica semelhante à doença de Kawasaki. **Material e métodos:** Revisão sistemática da literatura, composta por artigos científicos selecionados na base de dados PubMed (n = 11), publicados no ano de 2020, no idioma inglês. Foram utilizados os seguintes descritores: “COVID-19” e “Kawasaki[ti]”, com os filtros: “free full text”, “in the last 1 year”, “humans”, “english” e “MEDLINE”. Foram selecionados 8 artigos e excluídos os estudos com análise de outras variáveis (n = 3). **Resultados:** A doença de Kawasaki (DK) é uma vasculite pediátrica aguda rara e tem como principal complicação os aneurismas das artérias coronárias. O diagnóstico é baseado na presença de: febre persistente, exantema, linfadenopatia, injeção conjuntival e alterações na mucosa e extremidades. De acordo com dados da pandemia da COVID-19, acreditava-se que crianças e adolescentes eram menos afetados, com um curso sintomatológico mais suave. Porém, verificou-se aumento no número de crianças com fenótipo semelhante à DK, levando a um alerta para os profissionais e as autoridades de saúde. Em um hospital universitário de Paris, foi realizado um estudo, com 21 crianças, sendo que, destas, 57% apresentavam síndrome do choque da DK e 76% miocardite, e dentre elas, 90% tinham evidência de infecção recente por SARS-CoV-2. Na

mesma cidade, foi realizado outro estudo, com 16 pacientes. O SARS-CoV-2 foi detectado em 69% e o restante teve contato com indivíduo PCR-positivo. Dos 16 pacientes, 44% apresentaram miocardite. Em outro estudo, realizado em Bergamo, na Itália, foram identificados 10 casos de doença semelhante à DK, no pico da pandemia, no país, entre fevereiro e abril. Já em maio, observou-se aumento de 30 vezes na incidência de doenças do tipo DK, na mesma cidade. E no Reino Unido, pequeno grupo de crianças apresentou choque e inflamação multissistêmica, em unidades de cuidados intensivos; algumas com aneurismas na artéria coronária e outro grupo com doença semelhante à DK. **Discussão:** O estudo realizado em Paris demonstrou que a proporção, incomumente elevada, de crianças e adolescentes afetados apresentava sintomas gastrointestinais e síndrome do choque da doença de Kawasaki. Além disso, o número de casos de miocardite, evidenciado em outra pesquisa, corrobora a associação Kawa-COVID-19. Em Bergamo, na Itália, as crianças diagnosticadas com DK, após o início da pandemia da COVID-19, que mostraram evidências de resposta imunológica ao vírus, eram mais velhas e tinham taxa mais alta de envolvimento cardíaco. E no Reino Unido, algumas crianças apresentaram alteração nas artérias coronárias, semelhante à DK. Diante disso, a doença semelhante à Kawasaki associada à SARS-CoV-2 pode representar síndrome inflamatória pós-infecciosa. **Conclusão:** O surto, em curso, de síndrome inflamatória multissistêmica, semelhante à Kawasaki, entre crianças e adolescentes, em Paris, Bergamo e no Reino Unido, provavelmente, está associada à infecção por SARS-CoV-2, em crianças e adolescentes.

<https://doi.org/10.1016/j.htct.2020.10.885>

884

COVID-19 E SUA RELAÇÃO COM O DESENVOLVIMENTO DA TROMBOSE

L.N.L. Gomes^a, F.L.O. Lima^b, C.F. Amorim^a, F.S.R. Góes^a, J.O. Rios^a, F.C. Almeida^b, P.C. Almeida^b

^a Unidade de Ensino Superior de Feira de Santana, Feira de Santana, BA, Brasil

^b Faculdade Nobre de Feira de Santana, Feira de Santana, BA, Brasil

Introdução: Os coronavírus são vírus de RNA simples, conhecidos por causarem problemas respiratórios. O novo vírus da síndrome respiratória aguda grave (SARS-CoV-2), classificado como β -bloqueador e causador da doença do coronavírus no ano de 2019 (COVID-19). Estudos tem mostrado uma estreita afinidade do SARS-CoV-2 pela Enzima Conversora de Angiotensina (ECA), a qual facilita a contaminação pelo vírus. Este é responsável pela pandemia atual, e trouxe consigo uma nova cara e alguns distúrbios biológicos para o ser humano, principalmente aos possuintes de comorbidades, abrangendo problemas respiratórios com sintomas leves, moderados e graves, como também alterações relacionados a hemostasia, o que resulta em quadros hemorrágicos ou formação de trombos. A trombose, em especial, trata-se de um episódio decorrente da formação de coágulos sanguíneos, os quais obstruem artérias e veias provocando desta

maneira a interrupção do sangue e consequentemente a hipóxia tecidual, e em alguns casos o deslocamento do trombo para outros locais, como por exemplo os pulmões. **Objetivo:** Analisar a correlação da COVID-19 e problemas relacionados a hemostasia, e consequentemente o desenvolvimento da trombose. **Material e métodos:** Trata-se de uma revisão literária, de caráter exploratória e descritiva, executada mediante investigação nas bases de dados: SciELO, Lilacs e Bireme, onde utilizou-se de publicações respectivamente dos anos de 2019 e 2020. Para a busca, foram utilizados os descritores: SARS-CoV-2; COVID-19; Fisiopatologia; Trombose por COVID-19, que ao final da busca, totalizaram-se 312 artigos, destes, após execução dos critérios, culminaram em 42, para a composição do presente estudo. **Resultados e discussão:** O risco para o desenvolvimento da trombose está intrinsecamente associado a COVID-19, podendo ser evidenciada em vários estudos, onde autores relatam a afinidade do novo coronavírus sob células pulmonares, o que induz à inflamação e consequentemente a formação de trombose neste local, podendo ser elucidado por meio da realização de alguns exames laboratoriais e exames de imagem. **Conclusão:** Alguns pacientes infectados com COVID-19 mostram suscetíveis a quadros trombóticos, neste caso, estudos devem ser aprofundados para sanar quaisquer dúvidas relacionadas as alterações causadas pelo novo coronavírus, principalmente no que diz respeito aos problemas da hemostasia, impedindo deste modo, a progressão da doença, sequelas no paciente e óbitos.

<https://doi.org/10.1016/j.htct.2020.10.886>

885

COVID-19 EM PACIENTE COM LEUCEMIA MIELOIDE AGUDA: UM RELATO DE CASO

E.G. Neto, A.T.S. Rabelo, C.P. Oliveira, G.A. Assis, L.D. Mosconi, L.M. Salvi, M.P. Silveira, F.S. Camargo, T.E.S. Shirakawa, A.L.C. Ligório

Universidade do Vale do Sapucaí, Pouso Alegre, MG, Brasil

Objetivo: Relatar um caso de paciente jovem diagnosticada com Leucemia Mieloide Aguda (LMA) concomitantemente com COVID-19 que permaneceu com sintomas leves, podendo aguardar para começar a indução da quimioterapia (QT). **Material e métodos:** Paciente feminina, 21 anos, encaminhada com quadro de astenia, equimoses em membros inferiores, gengivorragia, inapetência há 2 semanas e perda ponderal. Trouxe hemograma que mostrou leucocitose às custas de blastos (LT: 106.000/mm³ e 87% blastos), anemia e plaquetopenia. Ao exame físico apresentava esplenomegalia e adenomegalias. Foi internada para diagnóstico, suporte transfusional e iniciou citorredução com hidroxíureia. A imunofenotipagem evidenciou tratar-se de blastos mielóides com componentes monocíticos, confirmando o diagnóstico de LMA. No dia do início da quimioterapia, abriu quadro de tosse discreta e apresentava febre intermitente há 3 dias. Foi solicitada uma TC de tórax que revelou opacidade com atenuação em “vidro fosco”, e espessamento de septos interlobulares e linhas interlobares, compatíveis com padrão COVID. Foi levada à unidade COVID

